

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

01. PEDRO TOMÁS: Primeira Testemunha

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 01. PEDRO TOMÁS: Primeira Testemunha. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/9>

This Primeira Parte is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

ANTOLOGIA DE TEXTOS SOBRE O
P. CLÁUDIO FRANCISCO POUILLART DES PLACES

Apresentamos antes de mais dois extratos de testemunhos sobre Cláudio Francisco Poullart des Places. O primeiro é um testemunho em primeira pessoa. O segundo é de alguém que partilhou as recordações que estavam ainda muito vivas na memória da comunidade por ele fundada.

- 1 -

PEDRO TOMÁS: PRIMEIRA TESTEMUNHA

Pedro Tomás é um dos primeiros discípulos de Cláudio Francisco Poullart des Places; entrou na Comunidade do Espírito Santo no dia 27 de Março de 1704, onde fez toda a sua formação: tornou-se “padre do Espírito Santo” em 1712; foi, portanto, testemunha ocular de Cláudio ao longo de cinco anos e meio. O seu testemunho - a primeira parte sobretudo - está cheio de referências à personalidade e aos “gostos” do jovem Cláudio. Mostra-nos a caminhada que o conduziu à conversão, com as etapas decisivas dos seus grandes retiros de 1701 e 1702⁴

Cláudio Francisco Poulart⁵ [sic] des Places, nasceu em Rennes, e foi batizado na paróquia de São Pedro, contígua à Abadia. Foi seu padrinho o Sr. Cláudio de Marbeuf, presidente do Parlamento da Bretanha; Francisca Truillot, Senhora de Ferret, foi a madrinha. Recebeu o nome de Cláudio Francisco, que é também o nome do senhor seu pai. Os pais, pessoas piedosas e bem formadas, tinham pedido a Deus que abençoasse o seu casamento com um filho varão. Foram ouvidos; consagraram-no àquele que lho tinha concedido e vestiram-no de branco durante sete anos (em honra da Santíssima Virgem).

Gostava muito de repetir sozinho as cerimónias religiosas que tinha visto na igreja. Quando os seus pais começavam a mostrar-se já incomodados, ele parava, por obediência, mas depressa voltava à suas brincadeiras.

^[4] KOREN, Henry, *The Spiritual Writings of Father Claude Francis Poullart des Places*, Memoir of Thomas (pg. 225 – 275) Pittsburg, Duquesne University, 1959.

^[5] A ortografia de POUILLART aparece também grafada como POUILLARD ou POULART em certos documentos da época; igualmente “des Places” pode ser escrito “Desplaces”.

Antologia Espiritana

[...] ⁶ Fundou uma associação de piedade com os seus amigos, sem que nem os pais nem o seu preceptor o soubessem. [...] Tinham as suas regras sobre a oração, o silêncio e a mortificação que às vezes incluía o uso do cilício. [...]

Estas inclinações do jovem Cláudio eram tanto mais de admirar quanto o seu temperamento vivo e turbulento o puxava para outras coisas muito diferentes. [...] Um padre jesuíta, diretor espiritual do nosso jovem estudante, teve conhecimento disso. Mandou-os parar com essas reuniões, recedendo, dizia-lhes ele, que o amor-próprio prevalecesse ou viesse mais tarde a prevalecer sobre o amor de Deus. Havia ainda o perigo de que o fervor, que já os levava talvez um pouco longe de mais, os levasse a não serem comediados. Obedeceu ao diretor, mas esta obediência foi para o jovem penitente uma mortificação mais sentida do que as outras.

No entanto, teve de travar duros combates para resistir à tentação do prazer. O seu temperamento levava-o a isso; os convites e os exemplos dos seus colegas aumentavam essa inclinação; mas o amor ao dever e a vigilância do pai e da mãe, muito atentos à educação do filho, não permitiam que ele se desencaminhasse.

[...] Uma vez terminados os estudos primários e o curso de retórica no colégio de Rennes, seu pai, a conselho do seu professor, que tinha uma predileção especial pelo seu aluno, quis que Poullart frequentasse um segundo ano de oratória no colégio jesuíta de Caen, onde aquele ia dar aulas. [...] Ali adquiriu uma grande facilidade de expressão e uma base de eloquência que, mais tarde, lhe serviriam para fazer valer as razões a que recorria para instar à prática da virtude.

[...] Tendo regressado a Rennes, iniciou a filosofia. Normalmente, trata-se de um tempo crítico para os jovens. É que nesse nível são bem menos controlados do que o eram até aí. [...] Como quer que fosse, ele estudou e conseguiu bons resultados em filosofia a ponto de ser escolhido para defender uma tese dedicada ao Conde de Toulouse. Foi uma festa em que não se olhou a despesas. O presidente e os conselheiros do Parlamento participaram no ato, com todas as pessoas da classe alta da cidade e arredores.

⁶ Os três pontos entre parêntesis retos assinalam que o texto original foi aligeirado pela supressão de detalhes edificantes mas sem grande interesse histórico.

Congregação do Espírito Santo

Uma vez concluído o curso filosófico, o pai propôs-lhe uma viagem a Paris, não sabemos bem com que objetivo. Talvez a verdadeira e principal razão fosse a de o levar a avistar-se com uma jovem da classe alta que lhe propunham para esposa. Tinha ele, nessa altura, dezoito ou dezanove anos. Essa jovem era dama de honor da Duquesa de Borgonha. Encontrei isto referido numa memória escrita que me foi dada por um dos alunos da Comunidade em quem Cláudio depositava mais confiança e a quem tinha confidenciado pormenores da sua vida.

[...] O jovem des Places, com a firmeza de espírito que o caracterizava, e que o amor não conseguia cegar, não pensava em comprometer-se tão cedo. A sua paixão era a glória e a fama; ligar-se a uma mulher pelo casamento seria um obstáculo para avançar nesse caminho. [...] Aliás, a sua inclinação para o estado eclesiástico, revelada já na sua infância, aflorava muitas vezes. Deus dispunha tudo para a realização dos seus desígnios. Foi fácil ao jovem des Places desenvencilhar-se do projeto paterno de querer levá-lo a decidir-se por algo que não lhe agradava de maneira nenhuma.

Tendo regressado a Rennes, parece que se permitiu certas liberdades. Era normal que o deixassem frequentar o mundo mais do que até então, e que lhe dessem dinheiro para se apresentar condignamente. Isso vinha ao encontro dos seus desejos; assim, não olhava a despesas, mas, como os pais não eram mãos largas, tinha de recorrer a expedientes para pagar as contas ou contrair empréstimos, tendo, no entanto, o cuidado de ocultar sob uma boa aparência qualquer irregularidade na sua conduta.

[...] Para fazer as pazes com Deus e recuperar a paz de consciência, um retiro ser-lhe-ia útil. Por outro lado, era tempo de pensar na escolha dum estado de vida; já lhe tinham proposto o casamento, mas ele ainda não tinha refletido bem sobre isso, à vontade. Começou o retiro. Deus falou-lhe ao coração. Ele respondeu com fidelidade às graças que Deus costuma conceder com abundância em circunstâncias como esta. Descobriu que estava desiludido do mundo e ansioso por servir a Deus; ou seja, convertido. [...] Mas não basta formular boas resoluções e começar a pô-las em prática com coragem, há que perseverar até ao fim. [...] O jovem des Places não perseverou mais do que quarenta dias.

[...] Parece que foi então que ele propôs aos pais o projeto de abraçar o estado eclesiástico, pedindo-lhes que o deixassem ir para Paris com o fim de estudar na Sorbona. O Sr. des Places e a esposa eram pessoas religiosas, inca-

Antologia Espiritana

pazes de se oporem à vocação do filho. Experimentar era lógico, pensaram eles, quanto a perseverar ou não logo se veria. [...] Responderam-lhe que para ser um bom padre não era preciso ir para Paris, nem ser doutorado pela Sorbona, o que era preciso era ter uma boa formação; [...] e que poderia muito bem fazer a sua teologia em Rennes. Tal proposta não agradou a Poullart, porque as suas ideias sobre o estado eclesiástico não eram tão desinteressadas que não ansiasse por mais liberdade, que de modo nenhum conseguiria se continuasse sob o olhar constante dos pais. Ficou decidido que iria para Nantes estudar Direito. Esta decisão ia perfeitamente ao encontro do desejo dos pais e do filho. Permitia-lhe amadurecer a sua vocação; o estudo do Direito era necessário no caso de vir a ser conselheiro e também seria útil para o estado eclesiástico; além disso, o filho desejava ter mais liberdade.

[...] Ter-lhe-ia sido preciso então recordar as grandes verdades que tinha meditado durante o seu retiro, seguir os conselhos de pessoas prudentes, ler livros de piedade, procurar o recolhimento de vez em quando, e deixar de se entregar a uma vida mundana, tal como até ali. [...] Costuma ser desta maneira que a Providência age para conseguir os seus fins. Não nos agrada um certo estado de vida e nem sabemos bem porquê: é uma predisposição para realizarmos os desígnios de Deus. Perturbamo-nos, aborrecemo-nos até que chega o tempo em que reconhecemos que não tínhamos razão para isso porque Deus sabe tirar o bem até duma situação que só víamos como motivo de desagrado.

- 2 -

CARLOS BESNARD – VIDA DE LUÍS GRIGNION DE MONTFORT

Carlos Besnard entrou no Seminário do Espírito Santo pouco depois da morte de Poullart des Places. Besnard fez uma recolha de memórias e recordações ainda muito presentes; a relação entre Poullart e Grignon de Montfort confirmou-o na fidelidade à sua vocação; fez-se monfortino, e chegou a ocupar até o cargo de Superior Geral; embora não seja testemunha ocular de Poullart, é uma testemunha muito próxima pela sua história pessoal e pela do seu instituto. Consagrou-lhe uma parte do livro 5 da sua obra sobre Luís Maria Grignon de Montfort.⁷

^[7] Charles Besnard, *Vie de Louis-Marie Grignon de Montfort*, 1770, Livro 5, vol. I, “*Le Séminaire du Saint-Esprit à Paris*”, pg. 274-284, Centro Internacional Monfortino, Roma, 1981. O texto citado foi reproduzido por Koren, o. c. .